

MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso
Mestrado em Letras - UNINCOR - ISSN 1807-9717
V. 9, N. 1 (janeiro-julho de 2018)

A TRANSEXUALIDADE NA SÉRIE “QUEM SOU EU?”: EFEITOS DE SENTIDOS

Jaqueline Denardin¹

RESUMO: Neste trabalho, a partir da perspectiva teórica da Análise de Discurso (PÊCHEUX, 1969, 1975), pretende-se analisar algumas sequências discursivas, doravante SD, na série “Quem sou eu?”, a qual foi transmitida pelo Fantástico, entre os meses de março e abril de 2017, a qual abordou o tema transexualidade e as demandas inerentes a este(s) sujeito(s), tais como: as “escolhas” de quem nasceu no corpo “errado”, a questão da automedicação e tratamento(s), a cirurgia de transgenitalização e os relacionamentos no “mundo transgênero”. O objetivo é analisar como a série, que é contada metaforicamente pela história infantil “Alice no País das Maravilhas”, faz falar o tema da transexualidade. Portanto, este trabalho intentará compreender como se sustentam efeitos de sentidos – ditos e não ditos – em discursos produzidos pelo tema abordado na série “Quem sou eu”.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Efeito(s) de Dizer(es); Sentido(s); Série; Transexualidade;

ABSTRACT: From the theoretical perspective of the Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1969, 1975), this work aims to analyze some discursive sequences, DShenceforth, in the series “Quem sou eu?” (Who am I?), which has been broadcasted by Fantástico, between March and April of 2017. The series approached transsexuality and its relevant demands attached to the transsexual individual, such as: the “choices” of whom was born in the “wrong” body, the issue of self-medication and treatment(s), the sex reassignment surgery and the relationships in the “transgender world”. The goal is to analyze how the series, which is metaphorically told by the popular child story “Alice no País das Maravilhas” (Alice in Wonderland) (Lewis Carroll), brings up transsexuality. Thus, this work intends to understand how the meaning effects are sustained – mentioned and not mentioned – in produced discourses on the topic approached in the series “Quem sou eu?” (Who am I?).

KEYWORDS: Discourse; Saying(s) Effect(s); Meaning(s); Series; Transsexuality.

Dizeres Iniciais

Este artigo é um recorte de minha dissertação de mestrado intitulada “O Discurso Televisivo: Efeitos de Confronto(s) de Sentidos entre o Sujeito Transexual e o(s) Silenciamento(s) na Mídia”, a qual analisa a série “Quem sou eu?”, exibida no programa televisivo de audiência nacional no Brasil “Fantástico”, transmitido pela TV GLOBO, na qual foi abordado o tema da transexualidade. Em um primeiro momento, parece que o sujeito transexual, por vezes, foi metaforizado/a e interpretado/a como um sujeito que não sabe de si, confuso (o próprio título da série já indicia isso “Quem sou eu?”). Em um segundo momento, a inquietação se deu diante das (não) formulações (como a questão do nome social, que é tão pertinente ao sujeito trans) que são demandas dos sujeitos trans.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), jaquelineindenardin@hotmail.com.

A série “Quem sou eu?” foi exibida em rede nacional durante quatro domingos consecutivos, entre os meses de março e abril, iniciando-se no dia 12 de março de 2017 e findando em 02 de abril de 2017. A cada domingo um tema diferente relacionado à transexualidade era abordado. Respectivamente os temas foram: “As escolhas de quem nasceu no corpo errado! Imagine o que você olha, não é o que você vê!”, “Os conflitos e descobertas de jovens que começam a descobrir o corpo”, “Processo de transição: intervenção cirúrgica”, “O amor e os relacionamentos no universo transgênero”.

A série retoma a história infantil “Alice no País das Maravilhas”, como um modo de fazer falar a transexualidade. Brevemente a história fala de uma menina que segue um coelho e, ao segui-lo, esta acaba caindo em um buraco, que é a porta de entrada para o País das Maravilhas. Esse novo mundo proporciona para a menina situações que a levam a tomar decisões e a viver novas experiências, porém, ela não se sente preparada para algumas dessas decisões e, mesmo assim, as faz, e percebe as consequências de cada um de seus atos.

Nesse sentido, a história infantil de Alice no País das Maravilhas traz a reflexão sobre as consequências de escolhas e decisões que na vida os sujeitos precisam tomar. Ainda reforça a questão da importância de se ter conhecimentos diferentes – no sentido de vários domínios de conhecimento – pois há um momento em que a personagem de Alice é indagada: “Mas qual caminho você quer seguir?”, e esta responde: “Tanto faz”. Se pensarmos que em “tanto faz” qualquer caminho serve e relacionando essa formulação com a questão da transexualidade, a série coloca as questões de sexualidade e gênero como “escolhas” e que estas tanto fazem para os sujeitos, o que contradiz muitas de suas lutas por uma posição legitimada na sociedade como um sujeito que sabe quem é e escolheu um caminho que não é qualquer um.

A série retoma a vida de Alice como uma menina que não se reconhece como é e não sabe o que quer, como se ela mesma não conhecesse a si própria. No primeiro episódio, este autodesconhecimento próprio da Alice é metaforizado com o sujeito transexual, como se este não se conhecesse ou reconhecesse o corpo que “ocupa”, como se este não soubesse quem é, ou não soubesse a respeito de sua orientação sexual.

Num segundo momento, a série retoma a história de Alice na passagem em que esta se utiliza de poções para aumentar e diminuir o seu tamanho conforme a necessidade que esta encontrará pela frente em sua caminhada. De forma metafórica, a série traz para esse contexto

de Alice, o fato da automedicação que é algo corriqueiro e comum entre os transexuais na busca incessante pela adequação aos padrões do gênero que este evidencia.

Em um terceiro momento, a série retoma a história de Alice quando esta se depara com a personagem da Rainha de Copas, que é um ser intolerante, que não aceita ouvir não, e quer que tudo aconteça como ela quer e todos estejam subordinados às suas vontades, caso isso não aconteça, ao sujeito que a contraria, ela ordena que “cortem a cabeça”. Nesse contexto, a série traz a discussão sobre a intervenção cirúrgica como meio de adequar o corpo do indivíduo, como se o processo de transição se efetivasse de fato com a cirurgia de redesignação sexual (e outras que são socialmente consideradas pertinentes ao sujeito transexual).

Num quarto momento, a série retoma a história infantil no viés de como Alice, após o contato com a personagem da Rainha de Copas, modifica sua forma de relacionar-se e ver os outros sujeitos. Dessa forma, a série contextualiza a questão dos sentimentos e relacionamentos dos sujeitos transgêneros, que seriam os sujeitos que transitam entre um gênero e outro, sendo estes o feminino e o masculino, colocando-os em um mundo/modo de relacionar-se diferente.

A série “Quem sou eu?” foi metaforizada com a história de Alice no País das Maravilhas, evidenciando alguns pontos de ancoragem semântica, os quais permitiram o aparecimento de metáforas para dizer e fazer falar o sujeito transexual.

Tendo, portanto, a história da Alice como metáfora para se falar sobre o sujeito transexual, esse artigo está dividido em três sessões, sendo elas: a teoria, na qual nos respaldamos para falar do discurso neste artigo e sobre o que é a análise de discurso; as análises, para as quais foram selecionadas algumas SDs e as considerações, a minha leitura sobre a forma como a transexualidade foi abordada na série “Quem sou Eu?” e seus efeitos de dizeres produzidos.

Como a Teoria faz Dizer

Iniciada na França na década de 1960, com as publicações *Análise Automática do Discurso* (AAD69), de Michel Pêcheux; e *Langages*, nº 13, intitulada *Analyse du discours*, organizada por Jean Dubois, a Análise de Discurso constitui-se em um entremeio (ORLANDI, 2002) entre o Materialismo Histórico, a Psicanálise e a Linguística.

Fundador da Escola Francesa da Análise de discurso, Michel Pêcheux tomou para si como objeto de estudo o Discurso. Como pontua Orlandi (2015), o autor entendia que a ideologia era materializada e tomava forma através da linguagem, e a linguagem era constituída pela ideologia, materializada no discurso: “Consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2015, p.15).

Pêcheux desenvolve sua teoria baseada na relação entre ideologia (noção advinda da releitura que Althusser faz de Marx), linguagem (conceito deslocado de Saussure), inconsciente (releitura que Lacan faz de Freud), os quais estão intrincados com o processo discursivo, no qual se dá a produção do discurso.

Com relação à Linguística, mais especificamente ao Estruturalismo, Pêcheux faz uma releitura de Saussure, com quem concorda com o fato de a língua ser social, mas não a considera como sistema abstrato, homogêneo, e sim como sistematicidade. Isto é, trata a língua no mundo, (re)considerando o sujeito que havia sido deixado de lado por Saussure. Pêcheux questiona a Linguística por negligenciar a historicidade dos sentidos. Enfim, para a Análise de Discurso, a linguagem tem uma relação necessária com a exterioridade, o que nos permite trabalhar com as condições de produção.

Durante o século XX, até o fim da década de 50, o estruturalismo de Saussure – com o estudo sobre *langue* e *parole*, por exemplo – teve grande contribuição nos estudos e pesquisas que viriam a contribuir para esta disciplina, a Análise de Discurso, que estava em processo de desenvolvimento. É a partir desse momento histórico que se começa a repensar os aspectos teóricos sobre a língua enquanto um sistema composto por signos linguísticos, discussões estas que pairavam entre linguistas, historiadores e psicanalistas, e é dessa discussão entre essas três áreas do conhecimento que surgirá a base de estudos da Análise de discurso francesa. Como afirma Gadet e Hak (1997, p. 8):

Na França, a Análise de Discurso é, de imediato, concebida como um dispositivo que coloca em relação sob uma forma mais complexa do que suporia uma simples covariação, o campo da língua (suscetível de ser estudada pela linguística em sua forma plena) e o campo da sociedade apreendida pela história (nos termos das relações de força e de dominação ideológica). Emergência temporal, também; a Análise de Discurso aparece nos anos sessenta, sob uma conjuntura dominada pelo estruturalismo ainda pouco criticado na linguística, e triunfante por ser “generalizado”, isto é, exportado para as outras ciências humanas (por exemplo Lévi-Strauss ou Barthes), ou inspirador de reflexões mesmo quando não se declara explicitamente (por exemplo por Lacan, Foucault, Althusser ou Derrida).

Quanto ao Marxismo, mais especificamente ao Materialismo Histórico, ele chega até a Análise de Discurso por uma leitura de Marx empreendida por Althusser em *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (1985). O Materialismo Histórico considera que o homem faz história, mas ela não lhe é transparente. O que a Análise de Discurso questiona é que a própria história tem o seu real afetado pelo simbólico. Ademais, quando se fala em história na Análise de Discurso não se trata de cronologia, já que essa se relaciona a práticas e não ao tempo em si. Com efeito, Orlandi (1990, p.35) afirma que a história “se organiza tendo como parâmetro as relações de poder e de sentidos, e não a cronologia: não é o tempo cronológico que organiza a história, mas a relação com o poder (a política)”.

A influência de Althusser nas teorias de Pêcheux teve início ainda nos anos de 1960, quando Pêcheux participou de um seminário ministrado por Althusser na Escola Normal Superior. Durante esse seminário, Pêcheux percebe que está em meio ao embate das reproduções pensadas pela elite e as releituras do marxismo, o materialismo histórico da luta de classes feitas por Althusser. Então Pêcheux assumiu o pseudônimo de Thomas Herbert e passou a produzir alguns escritos. Como afirma Henry (1997): “De fato, os conceitos e as noções-chaves dos textos assinados Thomas Herbert, que fazem explicitamente referência ao ‘materialismo histórico’ e à ‘psicanálise’, estão quase que completamente ausentes do livro de Pêcheux sobre a análise automática do discurso” (HENRY, 1997, p.13-14), mas era a primeira publicação de Pêcheux, entre 60 e 70, texto no qual ele quis suscitar a discussão de uma possível articulação entre os campos de estudo do materialismo histórico, da psicanálise e da linguística.

Nas publicações posteriores com o pseudônimo de Herbert, o materialismo histórico se fazia presente nos textos de Pêcheux, momento este em que o autor também reavivava as críticas ao estruturalismo de Saussure, “o que interessava a Pêcheux no estruturalismo eram aspectos que supunham uma atitude não-reducionista no que se refere à linguagem” (HENRY, 1997, p.14), distanciando-se da noção de língua enquanto forma abstrata, porém, esta não deixava de considerar as questões articuladas entre a linguística e os processos discursivos, pensando naquilo que se referia à língua e ao discurso como prática política,

segundo Althusser, é tendo como referência a ideologia que Pêcheux introduz o sujeito enquanto efeito ideológico elementar. É enquanto sujeito que qualquer pessoa é “interpelada” a ocupar um lugar no sistema de produção. Em um texto publicado mais tarde, ao qual Pêcheux refere-se com frequência, Althusser escreve: “Como todas as evidências, incluindo aquela segundo a qual uma palavra ‘designa uma coisa’ ou ‘possuía uma significação’, ou seja, incluído a transparência da evidência da linguagem, esta evidência de que eu e você somos sujeitos – e que este fato não constitui

nenhum problema – é um efeito ideológico, o efeito elementar. (HENRY,1997,p.30)

Já com relação à Psicanálise, a Análise de Discurso concorda com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito (afetado pelo inconsciente), mas trabalha a ideologia considerando-a como materialmente relacionada ao inconsciente, sem que este a absorva. Segundo Orlandi (2002a, p.20), isso implica “dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia”.

Ao falar acerca da Análise de Discurso, Pêcheux (2015, p. 288) afirma que:

No contexto filosófico e político evocado acima, o projeto da análise de discurso marca uma ruptura com esta problemática psicossocial pela qual o triplo registro da história, da língua e do inconsciente permanece literalmente recalcado. As teorias e métodos desenvolvidos em análise de discurso não pararam de se confrontar com essa situação de *triple recalque*, com a esperança (que se poderá julgar ingenuamente pretensiosa) de contribuir para desfazer esse nó.

A Análise de Discurso está pautada nessas três áreas de conhecimento – linguística, materialismo histórico e psicanálise – e por se tratar de uma disciplina de interpretação procura dar conta daquilo que é e não é observável no discurso, levando em consideração seu “espaço” de produção e circulação, como é o caso dos “espaços discursivos não estabilizados logicamente, derivando dos domínios filosófico, sócio-histórico, político ou estético, e logo também o dos múltiplos registros do cotidiano não estabilizados” (PÊCHEUX, 2015, p.292).

Em 1975, quando a Análise de Discurso está mais sustentada teoricamente, quando já estão articuladas as áreas de entremeio da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise, Pêcheux busca, através de um processo de desconstrução objetivista e subjetivista, compreender a interligação entre a ideologia, o discurso e a subjetividade,

o campo teórico, o “quadro epistemológico” do empreendimento que articula três regiões de conhecimento científicas: - O materialismo histórico como teoria das formações sociais e suas transformações, aí compreendida a teoria das ideologias; - A linguística como teoria ao mesmo tempo dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; - A teoria do discurso como teoria da determinação dos processos semânticos. Intervém uma quarta referência de “uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)”. É apontado o que vai estar no centro da proposta: a questão da leitura, na sua ligação com a do sujeito. (MALDIDIER,2003, p.38)

Estas correlações teóricas fazem pensar o sujeito, como um sujeito “captado”, que este está inscrito em uma formação social determinada, na qual só se reconhece enquanto sujeito, por conta das práticas advindas das formações ideológicas, que se materializam nas formações discursivas, conceito este que movimentou os estudos da Análise de Discurso francesa.

Na Análise de Discurso se pensa no indivíduo como Sujeito², uma vez que este retoma os discursos já dados na sociedade e, por isso, este é um sujeito assujeitado, o qual foi interpelado por diferentes discursos.

Michel Pêcheux, fundador da AD, era filósofo e começou a trabalhar no departamento de psicologia em 66. Para corroborar, Orlandi nos diz:

O fato mesmo da interpretação, ou melhor, o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia. Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer? Nesse movimento da interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. (ORLANDI, 2015, p.45).

Lagazzi (1988) aponta para essa relação da tríplice aliança da AD,

voltando a articulação entre o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, podemos dizer que a linguística, através da análise dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação, possibilita-nos chegar ao objeto discursivo que, através da desintagmatização discursiva, explicará a determinação histórica dos processos semânticos, ou seja, a produção dos efeitos de sentido (teoria do discurso), relacionada às diferentes formações ideológicas, estas estabelecem, por sua vez, uma relação significativa, porém complexa, com as formações sociais (materialismo histórico). (LAGAZZI, 1988, p.53-54)

Segundo algumas concepções de Althusser sobre a ideologia, este traz alguns conceitos sobre esta, tais como: a ideologia como representação da relação imaginária dos sujeitos com suas reais condições de existência, ou seja, é o simbólico, e está ligado ao desejo que segundo Lacan, a ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas logo, é o que dá e condiciona suas práticas cotidianas, assim a ideologia interpela indivíduos em sujeitos, ou seja, o sujeito é atravessado pelas ideologias presentes no discurso que se manifesta na língua, condicionando suas práticas cotidianas.

Pêcheux diz que a Memória é aquilo que já foi dito, esquecido, mas que significa, é a memória que faz emergir os sentidos em nós. Quando falamos em memória, este conceito não está vinculado à memória de uma pessoa, mas sim a um “saber discursivo”, que está na base de todos os dizeres, que possibilita que o que é dito pelo sujeito faça sentido. A memória não se ativa, em AD a memória é retomada. A memória na perspectiva do interdiscurso é aquilo que foi dito antes, em outro lugar, independentemente. Assim Pêcheux (2009) retoma o conceito de esquecimento para dizer sobre a memória

² O Sujeito na Análise do Discurso é entendido como o indivíduo que é assujeitado por discursos que estão inscritos em uma – ou mais – ideologia(s), logo, esse sujeito é interpelado pela(s) ideologia(s) presente(s) no discurso que o torna um sujeito-assujeitado. Sujeito este interpelado pela história, (re)significada pelo inconsciente, que se manifesta na língua(gem).

Por outro lado, apelamos para a noção de “sistema inconsciente” para caracterizar um outro “esquecimento”, o esquecimento nº1, que da conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o esquecimento nº1 remetia, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão. (PÊCHEUX, 2009, p.162)

Na AD o sujeito, é o sujeito do inconsciente, portanto este não é dono do seu dizer, como afirma PÊCHEUX(2015), “o processo do discurso não deve, evidentemente, ser confundido com o ato de fala do sujeito falante individual, noção que se torna inútil e perigosa à medida que o estudo dos processos (não centrados sobre um “sujeito falante”) faz aparecer o caráter empírico e respectivo desta noção”.

Efeitos de Dizeres

A Análise de Discurso é uma disciplina de interpretação e esta dispõe de dois dispositivos de interpretação, sendo o dispositivo de interpretação teórico e o dispositivo de interpretação analítico,

Por isso distinguimos entre o dispositivo teórico da interpretação, tal como o tematizamos, e o dispositivo analítico construído pela analista a cada análise. Embora o dispositivo teórico encape o dispositivo analítico, o inclua, quando nos referimos ao dispositivo analítico, estamos pensando no dispositivo teórico já “individualizado” pelo analista em uma análise específica. Daí dizermos que o dispositivo teórico é o mesmo mas os dispositivos analíticos, não. O que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise. (ORLANDI,2015,p.25)

O dispositivo analítico selecionado para este trabalho foi mobilizado buscando intentar compreender como a série televisiva “Quem sou Eu?” tratou, durante quatro domingos, a transexualidade. As questões que me motivam são: como se diz a respeito da transexualidade? Por que há a retomada da história “Alice no País das Maravilhas”? Como os direitos dos sujeitos trans são tratados nos episódios? Como esses sujeitos produzem dizeres? Para responder a esses questionamentos, trabalharei com os seguintes conceitos: sujeito, formações imaginárias, formações discursivas e interdiscurso.

A série traz os dizeres de vários sujeitos sobre a transexualidade e as questões pertinentes a este tema tão evidenciado atualmente. Porém, para este artigo foram selecionadas duas SDs, “as sequências discursivas que formam o espaço fechado do corpus” (MALDIDIER, 2003, p.23), que possibilitarão a análise do modo como a série tratou este tema.

A primeira SD é de Melissa, uma menina transexual de 11 anos de idade, e a segunda SD é de Alessandra, uma mulher transexual de 29 anos de idade.

SD1: Pra mim, eu estava fantasiada de menino até os nove anos, nove anos com uma fantasia quente e pinicante. Aí eu pedi de aniversário, isso era em agosto de 2015, que ela me transformasse em menina, era meu maior presente. (MELISSA, 11 anos).

O dizer produzido por Melissa traz um desejo explícito na palavra “presente”. Quando a menina diz que a mudança de sexo/gênero seria um presente, parece estar dizendo que precisa dessa mudança no presente, no aqui, no agora, este é um exemplo de manifestação do desejo que é recalcado e que se evidencia na língua pelo sujeito quando este fala.

Para melhor entender, Orlandi (2012) diz que, “pensando a inscrição do sujeito na formação discursiva, para que se identifique, assim como a produção de sentido, e o reflexo das formações ideológicas nas formações discursivas, podemos ver como é nesse passo em que o sujeito individu(aliz)ado se identifica que pode haver ruptura”.

Ao dizer que estava fantasiada de menino, Melissa retoma uma memória discursiva já dada do que é vestimenta de homem e de mulher, pautada em padrões que condicionam um sujeito a ser menino ou menina, adequações estas que são construídas socialmente.

SD2: os homens chegam bastante em mim, se o cara é um cara que ele não me interessa nenhum pouco, que eu sei que ele é um machista preconceituoso, eu já chego pra ele e falo assim, eu sou uma travesti! O nome travesti assusta! (ALESSANDRA, 29 anos).

Na sequência discursiva acima, é possível observar o deslizamento de sentido feito por Alessandra, uma vez que esta usa o termo travesti, como uma forma de proteção, para se proteger de algo que poderá ser ruim, ou de algo que esta por vir. Ao fazer o uso desse termo nessa sequência discursiva, esta ressignifica o termo e se apropria dele de forma positiva, uma vez que o enunciado travesti é carregado de uma memória discursiva socialmente negativa.

Alessandra foi metaforizada com a história de Alice no País das Maravilhas, como a menina que, na jornada de autodescoberta, vive momentos difíceis, se vê perdida, e diante de figuras intolerantes. Assim a história chega ao fim, mas Alice (representada por Alessandra) é curiosa e inquieta e não tem medo de seguir em frente, porque o que ela mais quer é responder a pergunta “Quem sou eu?”, um indicativo que esta não sabe quem é.

É possível perceber que a série possui assuntos pertinentes e importantes de serem trabalhados sobre a transexualidade, porém, os dizeres não deixam de conter reproduções

ideológicas do que se pensa e reproduz sobre a transexualidade, assim sendo o velho hábito de compará-la - no intuito de não reconhecer a transexualidade como algo genuíno - com a cis-heteronormatividade.

As Formações Imaginárias estão relacionadas com os mecanismos que possibilitam o funcionamento do discurso. “Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções” (ORLANDI, 2015, p.38).

Essas são as imagens que sujeito A e sujeito B fazem de si, a imagens que fazem um do outro, imagens essas constituídas pelo inconsciente.

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a forma-social em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como todo objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). É pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras. E se fazemos intervir a antecipação, este jogo fica ainda mais complexo pois incluirá: a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante. (ORLANDI, 2015, p.38)

Para melhor esboçar as formações imaginárias, trouxe uma sequência discursiva selecionada das transcrições da série “Quem sou eu?”.

SD3: A parte mais difícil da infância é que eu já sabia que era mulher, mas as pessoas não me viam assim. (Mulher Trans 2).

Na SD3, a qual traz a fala de uma mulher transexual, com o nome não identificado, a entrevistada diz: “era mulher, mas as pessoas não me viam assim”.

A locutora (mulher trans 2) exemplifica bem o conceito de formação imaginária, ao retomar a memória da imagem do que é ser uma mulher (imagem que ela faz de si) ao dizer que “era mulher”, e retoma a imagem que as pessoas formulam sobre ela (imagem que o outro faz dela) ao dizer “mas as pessoas não me viam assim”, que funciona como um mecanismo de antecipação.

Em toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e a memória (o saber discursivo, o já-dito).(ORLANDI,2015,p.38).

Portanto, as formações imaginárias estão permeadas por inúmeras possibilidades, uma vez que estas estão condicionadas as imagens que são produzidas em um determinado contexto histórico-social, pois o imaginário está presente e é constitutivo e essencial no funcionamento da linguagem.

As SDs descritas acima são reproduções de uma formação discursiva na qual fazem falar sobre o sujeito transexual.

Relacionando o conceito de formações discursivas, encontramos entrelaçado o conceito de formações ideológicas ao conceito de formações imaginárias, os quais dizem sobre estes sujeitos transexuais em suas formações.

Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence, assim pensamos, ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas que acabamos de falar “comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sobre a forma de uma harenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p.166-167)

Conceito este que Pêcheux compreende como sendo uma junção de diferentes ações e representações, as quais não são singulares e também não são coletivas, mas que fazem referência às teorias das classes sociais, materializando as transformações sociais, portanto, a formação ideológica é constituída por uma ou mais formações discursivas, as quais possuem uma relação, uma memória, e por assim ser, as quais trazem consigo aquilo que pode e deve ser dito, a partir de uma determinada posição, instaurada por uma conjuntura já dada.

As formações Imaginárias e Formações Discursivas estão em funcionamento nos discursos transmitidos pela série “Quem sou Eu?”. Como exemplo, as formações imaginárias do que é ser homem e mulher, de corpo, e as formações discursivas que, ao retomarem uma memória discursiva, o interdiscurso, denunciam a inscrição do sujeito em uma determinada ideologia.

Assim sendo, as formações discursivas se agrupam por terem entre si alguma relação, mas estão referenciando a um interdiscurso, ou seja, a uma memória discursiva que reúne um conjunto de já-ditos que sustentam os dizeres, logo os sujeitos se encontram imersos em um saber discursivo que já está dado, não é aprendido, e que transparece seus efeitos através do inconsciente e das ideologias que envolvem os sujeitos. Segundo Pêcheux (2015, p. 158):

O interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é porque os elementos da

sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente.(PÊHCEUX, 2015, p.158)

Ao falar sobre interdiscurso, Pêcheux traz o conceito de memória, entendendo que esta é um espaço móvel e de divisões, disjunções, deslocamentos e retomadas, dos conflitos e das regularidades entre eles, um lugar no qual há desdobramentos, repetições, reproduções e contradiscursos, portanto, os sentidos são determinados pelo funcionamento da memória. Nas palavras de Mالدیدیر (2003, p. 51):

O conceito de interdiscurso cuja “objetividade material [...] reside no fato de que “isto fala” sempre “antes, em outro lugar e independentemente”. Mas o interdiscurso não é a designação banal dos discursos que existiram antes nem a ideia de algo comum a todos dos discursos. Em uma linguagem estritamente althusseriana, ele é “o todo complexo a dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas, e “submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação”. Em outros termos, o interdiscurso designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função das relações de dominação, subordinação, contradição.

Assim Pêcheux diz que a formação discursiva são é e não possui uma estrutura fechada, logo, esta capta elementos discursivos de outros lugares, e com outras estruturas. Ainda pensando sobre este conceito de interdiscurso, Pêcheux atenta para o conceito de pré-construído, que é aquilo que já foi dito/dado em outro lugar, em outro contexto histórico, e por assim ser, os deslocamentos são possíveis por esta relação das formações discursivas, que recorrem ao interdiscurso, que tem relação com o pré-construído, considerações estas que Pêcheux toma junto com Henry para pensar no intradiscurso, “toda a reflexão feita com Paul Henry sobre o pré-construído mostrava os traços no discurso de elementos discursivos anteriores cujo enunciador foi esquecido” (Mالدیدیر, 2003, p.51).

Pêcheux e Henry entendem que o interdiscurso é constituído por aquilo que já foi dito, como aquilo que fala, aconteceu antes, em um lugar diferente, em um outro lugar, e que é independente.

Desse modo, “o intradiscurso só pode ser pensado como o lugar em que a forma-sujeito tende a “absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso” (Mالدیدیر, 2003, p.54). O interdiscurso se materializa nas relações sintáticas, que retomam os já-ditos, porém esquecidos por aquele que enuncia.

Já o intradiscorso, seria uma reinscrição, despercebida, no intradiscorso dos componentes do interdiscorso, ou seja, aquilo que já foi dito, atravessado pelo dito, de maneira que não seja perceptível.

Trata-se do conceito de “intradiscorso”, definido como o “funcionamento do discurso em relação a ele mesmo (o que eu digo agora, em relação ao que disse antes e ao que direi depois), logo o conjunto de fenômenos de “co-referência” que asseguram o que podemos chamar o “fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito”. O intradiscorso só pode ser compreendido na relação com o interdiscorso. (MALDIDIER, 2003, p.54)

O intradiscorso pode ser entendido como uma parte do discurso do sujeito que fala, retomando os efeitos do interdiscorso, expressando sua interioridade, ou seja, o intradiscorso é uma marcação do que o sujeito está dizendo sobre sua relação consigo mesmo, relação esta que se dá com os discursos e sentidos pré-construídos e os construídos, e que ao serem encontrados em uma formação discursiva com a qual o sujeito se identifica, este produz os discursos que lhe são convenientes.

Ainda sobre o interdiscorso, este faz referência aquilo que já foi dito, que está na regulamentação das fronteiras das formações discursivas, as quais possibilitam apagamentos, esquecimentos, paráfrases, lembranças, desconstrução dos elementos que as possibilitam existir.

Para compreendermos melhor, pensemos que o interdiscorso seria uma linha vertical, e que esta representa a propriedade daquilo que já foi dito, e o intradiscorso, uma linha horizontal, representando o que se diz, o que se está dizendo, a interseção entre essas duas linhas representaria o dizível. Assim Pêcheux postula sua teoria afirmando que o discurso é o lugar de materialização da ideologia, ou das ideologias. O autor também concebe o sujeito como aquele que se constitui no processo de interpelação, o qual é assujeitado pelos processos históricos que falam sobre ele, antes dele mesmo.

Neste trabalho, o interdiscorso e o intradiscorso são conceitos que se fazem presentes, pensando que a série é narrada na atualidade, fazendo uma ancoragem com a história infantil de Alice no País das Maravilhas, que foi escrita no período vitoriano, e ao retomar a história, há uma reformulação dos dizeres para que se encaixem com o tema na atualidade.

Dizeres de Desfecho

Neste artigo, que é o andar de um projeto, o pontapé de um trabalho que está sendo encaminhado, algumas questões possivelmente ficarão abertas a questionamentos com possíveis futuras discussões e respostas, pois este é o início de um trabalho de pesquisa para a dissertação do mestrado. O intuito inicial é perceber os ditos e não ditos, pois “entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move. É preciso dar visibilidade a esse espaço através da análise baseada nos conceitos discursivos e em seus procedimentos de análise” (ORLANDI, 2015, p.83), que aparecem nas sequências discursivas apresentadas na série “Quem sou eu? – que para este trabalho foram selecionadas duas SDs – observando como os dizeres dos discursos das SDs fazem dizer o sujeito transexual.

A série abordou o tema transexualidade com superficialidade – se pensarmos que há ainda muitas discussões que poderiam ser realizadas – como a questão do nome social –, porém, esta abordou o tema de forma a colocar a realidade das pessoas trans, esta abordou o tema de forma a tratar da realidade das pessoas trans, colocando questões como as consequências de não se ter uma auxílio para a automedicação e também a não aceitação da família, o que, na maioria das vezes, leva o sujeito trans à prostituição, havendo poucos exemplos de pessoas trans que tomaram rumos diferentes destes, como uma trans que hoje estuda medicina, outra que trabalha como recepcionista etc.

Sem dúvidas, essa série serviu para evidenciar o quanto o sujeito transexual é marginalizado e está sujeito às “normas” sociais convencionadas por sujeitos heterossexuais, não bastando ser hétero, pois este precisa de algumas características que a sociedade determina, como ser branco e ter um certo poder econômico/político/intelectual.

Para corroborar as considerações anteriores, a citação de Berenice Bento (2008) retoma os aspectos sobre o feminino, na visão dos profissionais em seus diagnósticos de pessoas trans:

A assistente social e suas estagiárias foram as primeiras a me entrevistar e gravar minhas falas. Os encontros com elas foram à própria promotoria. Elas tinham como todos os envolvidos, estereótipos fortes acerca do que é uma transexual e de quem não é transexual. As mulheres transexuais deveriam repetir os padrões de mulher das décadas passadas, com seus anseios em casar, ter filhos, ficar em casa cozinhando para o marido, não ter relações sexuais e nunca se tocar (BENTO, 2008, p.135)

Novamente a questão das convenções sociais e normas construídas socialmente por pessoas héteros, as quais fazem de tudo para moldar o sujeito transexual com as características heteronormativas, para que estes sejam “mais aceitos”.

Por que o sujeito transexual é submetido e avaliado por pessoas que, em sua maioria, não tem contato direto com outros casos de transexualidade? Por que o sujeito transexual é submetido e avaliado por pessoas que, em sua maioria, não tem contato direto com outros casos de transexualidade? Será que isso não dá margem para um “diagnóstico” errado, ou com uma deficiência na precisão deste?

Aliás, esses diagnósticos são baseados em imaginários, construídos socialmente, conceituados e formulados pela sociedade cis-heteronormativa.

Qual é o objetivo em se ter imagens para mulher ou homem (sejam transexuais ou não)? O próprio CISTema³ já coloca conceitos engendrados para que estes sujeitos não possam de maneira alguma ingressar de forma cidadã na sociedade da qual fazem parte, ou seja, o próprio Estado cria mecanismos de controle para que o sujeito trans não faça parte da sociedade de forma “completa” ou “inteiriça”, pelo menos imaginariamente, como os sujeitos heteronormativos.

Portanto, é notório que o/a transexual é a construção de uma nova identidade através da construção social da identidade de gênero, quebrando conceitos estabelecidos para definir estritamente o que é ser mulher ou homem.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice Alves de Melo. *O que é transexualidade*. 2ª Ed. São Paulo, SP. Editora Brasiliense, 2008.

DIAS, Maria Berenice. *Diversidade Sexual e Direito Homoafetivo*. 2ª Ed. São Paulo – SP. Editora revista dos tribunais, 2014.

GADET, Françoise; HAK, Tony. [1969]. *Por uma análise automática do discurso*. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. 3ª Ed. Campinas – SP. Editora da Unicamp, 1997.

LAGAZZI, Suzy. *O Desafio de Dizer Não*. Campinas – SP. Editora Pontes. 1988.

MALDIDIER, Denise. A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux hoje – Denise Maldidier. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas, SP, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. 12ª Ed. Campinas, SP. Editora Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito. In: _____. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

³ CISTema, junção das palavras cis e sistema, cis é utilizada para pessoas que estariam “alinhadas” com seu sexo, gênero e sentimentos/desejos sexuais, conforme prevê a sociedade e sistema representa neste trabalho as políticas hereteronormativas, portanto CISTema significará aqui, as políticas públicas para pessoas trans, evidenciando o fato de que são criadas e desenvolvidas por pessoas não trans.

PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi – 4ª Ed. Campinas, SP. Editora Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4ª Ed. Campinas – SP. Editora da Unicamp. 2009.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas [1975]. In: GADET, Françoise, HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997.

Artigo recebido em fevereiro de 2018.
Artigo aceito em abril de 2018.